

Brief News XXI

Jul./Ago./Set. 2003 - Ano III (03) - Nº 16

Nós, os Hobbits



Sam e Frodo: dignos representantes de um mundo condenado à desaparecer.

Falou-se muito ao longo de 2003 sobre o fenômeno “Matrix”, particularmente após o lançamento de “Matrix Reloaded”, o segundo episódio. Ainda, “Matrix Revolutions”, o fechamento da saga, ficou aquém das expectativas (exceto talvez para um pequeno grupo de fanáticos pela obra dos irmãos W.), justamente pelas amplas possibilidades simbólicas extrapoladas por leigos, místicos e estudiosos ao longo dos anos que separam o primeiro “Matrix” do segundo. Naturalmente. Qualquer que houvesse sido a conclusão dada pelos irmãos W., não poderia mesmo conter a plêiade de visões discordantes e excludentes sugeridas por quase todo mundo.

E o que dizer de “O Senhor dos Anéis”, a “outra” trilogia concluindo em 2003? Esta, todo mundo sabia exatamente como iria terminar, dando-se ao diretor Peter Jackson um mínimo de margem criativa para alterar o cânone criado por J.R.R. Tolkien. No fim, sabíamos de antemão, o Bem triunfaria, o Anel seria destruído, Arwen se casaria com Aragorn e todos viveriam felizes para sempre. E no entanto... quanta diferença para “Matrix”! Pois “O Senhor dos Anéis” lida com camadas muito mais profundas da alma humana, com símbolos que boa parte de nós reconhece e identifica como seus.

Em Dezembro de 2002, o escritor de FC David Brin escreveu uma crítica sobre “O Senhor dos Anéis” imediatamente após o lançamento de “As Duas Torres”, crítica esta perfeitamente válida para o conjunto da obra - mesmo não tendo ele ainda idéia dos níveis de virtuosismo que Jackson conseguiria imprimir à sua produção um ano depois. Não importa.

O que nos interessa aqui, é que mesmo utilizando uma abordagem honesta e correta sobre “O Senhor dos Anéis”, Brin parece desprezar aquela que talvez seja a dimensão mais importante da obra de Tolkien: a sua vinculação com os arquétipos que residem no nosso inconsciente. Isto fica patente quando ele faz alusões mal-humoradas à “Star Wars” e seu elitismo, vinculando seu criador George Lucas às declarações de George Campbell para a TV Educativa americana (PBS), e tenta justificar a criação de lendas e mitos sob um ponto de vista puramente econômico. Materialista.

Este reducionismo não compromete o valor do artigo de Brin, até pelo fato de que ele nos brinda com uma digressão histórica sobre a luta nem sempre silenciosa entre românticos e iluministas, separados em frentes opostas pelas consequências da Revolução Industrial. E conclui com uma divertida abordagem iconoclástica (para não dizer herética) sobre o papel da propaganda oficial no pós-Guerra do Anel. Pois, como todos sabemos, a história foi contada muito tempo depois das coisas terem “realmente” acontecido. Como saber se tudo o que dizem de Sauron não foi intriga da oposição? Ou se os orcs eram tão feios quanto vimos na trilogia de Jackson?

Contra certas verdades auto-evidentes, Brin nos recomenda deixar a preguiça mental de lado e exercitar o nosso lado de “narrador criativo”, não apenas de crítico. Creio que foi este o objetivo da minha introdução. Fiquem agora, portanto, com o artigo de David Brin. E tirem suas próprias conclusões...

Alexis B. Lemos

P.S.: esta edição, embora se refira ao segundo semestre de 2003, foi na verdade criada em Fevereiro de 2004. Para variar, estamos atrasados...

Expediente

Brief News XXI - Edição Especial

Caixa Postal 19000 - CEP: 20220-970 - Rio de Janeiro - RJ

Editado por

Alexis Bernardo de Lemos (ab_lemos@ig.com.br)

Brief News On Line: <http://geocities.yahoo.com.br/worgtal>

Créditos dos Textos Originais:

“Nós, os Hobbits”, © 2002-4 by David Brin

Demais textos e traduções:

Alexis B. Lemos

Todas as fotos e ilustrações de terceiros publicadas neste fanzine, são para divulgação.

A reprodução desta edição é permitida, desde que efetuada na íntegra.

Nós, os Hobbits.

(Uma reavaliação imprudente e herética de J.R.R. Tolkien)

por **David Brin**, Ph.D.

©2002 by David Brin. Texto publicado originalmente em 2002 pelo "Salon Magazine" on-line.




Quer esquecer o terrorismo e todos aqueles inquietantes rumores de guerra? Precisa ignorar a economia por algum tempo? Pegou a tristeza de final de ano? Nossa cultura tem a cura certa pelo fogo - a tradicional enxurrada de filmes pós-Dia de Ação de Graças. Este ano, a despeito do clamor sobre o último filme de *Harry Potter*, muita atenção está sendo dada para outra obra de fantasia chamada "As Duas Torres" - parte dois na trilogia de *O Senhor dos Anéis*. Conseguirá ela nos distrair por um momento, conduzindo o público para um mundo que é simultaneamente mais belo e emocionante do que a monótona vida moderna?

Naturalmente, quando criança eu me delicieei com a trilogia de *O Senhor dos Anéis* (Lord of the Rings - LOTR), durante sua primeira grande explosão nos anos 1960. Quero dizer, o que havia lá para que não se gostasse? Como William Goldman disse sobre outra grande obra de fantasia, "The Princess Bride", ele tinha "Esgrima. Luta. Tortura. Veneno. Amor Verdadeiro. Ódio. Vingança. Gigantes. Caçadores. Homens Maus. Homens Bons. Damas Belíssimas. Aranhas. Dragões. Águias. Bestas de todos os tipos e descrições. Dor. Morte. Magia. Perseguições. Fugas. Milagres".

Em 1997, eleitores numa pesquisa da BBC intitularam *O Senhor dos Anéis* de o maior livro do século XX. Em 1999, clientes da Amazon.com elegeram-no o maior livro do milênio.

De fato, há muito mais nesta obra do que mera fantasia escapista. J.R.R. Tolkien escreveu seu épico - incluindo seu predecessor, "O Hobbit" - durante as sombrias décadas intermediárias do século vinte, um tempo



quando a modernidade parecia ter caído num espetáculo após o outro de carnificina tecnologicamente amplificadas. Dos anos 1930 aos 1950, o planeta Terra mergulhou em campos armados com tipos duramente interpretados, dilacerando um ao outro em orgias de violência sem precedentes. Esforços titânicos com o destino de todo o mundo em jogo.

LOTR claramente refletiu esta era. Só que, em contraste com o mundo real, o retrato de Tolkien do “bem” resistindo a um “mal” sombriamente ameaçador ofereceu algo tristemente ausente nos esforços reais contra as tiranias nazista e comunista - um papel para campeões individuais. Seus elfos e hobbits e guerreiros *uber*-humanos desempenharam o mesmo papel que Lancelot, Merlin e Odisseus tiveram nas velhas fábulas, e que os super-heróis ainda têm nos quadrinhos. Através do bravo Frodo, nobre Aragorn e da etérea Galadriel, ele proclamou a suprema importância - acima de nações e civilizações - do indomável herói romântico.

Muito bem, eu li a trilogia épica de Tolkien de modo um tanto incomum, começando com “As Duas Torres” e retrocedendo a medida que eu lia. Igualmente, eu posso estar meio fora de esquadro por considerar como o melhor de todos o *volume complementar* não-oficial do LOTR, talvez a obra mais engraçada já escrita em inglês - a paródia de 1968 da Harvard Lampoon intitulada “O Entediado dos Anéis” (*Bored of the Rings*). Mesmo se você reverenciar Tolkien ou levar LOTR demasiadamente a sério, quem pode conter as gargalhadas às travessuras de *Frito*, filho de *Dildo* e seu camarada *Spam...* junto com *Gimlet* (Verruma), filho de *Groin* (Virilha), *Eorache*, filha de *Eordrum*, e *Arrowroot* (Araruta), filho de *Arrowshirt*, filho de *Araplane*? Muitas das referências dos anos sessenta podem parecer datadas, mas qualquer autor deveria ser elogiado por receber tal sátira inspirada.

De fato, antes do fim deste ensaio eu apresentarei minha própria pitada de farsa irônica. Um jeito diferente, e possivelmente muito melhor, de ver *Sauron*, o *malévolo Senhor do Escuro*.




Mas primeiro, vamos ficar sérios. Algo do que eu estou prestes a dizer pode parecer incomum, provocativo, herético... incauto mesmo, em face de uma reverência pseudo-religiosa que alguns concedem a *O Senhor dos Anéis*. Poderão haver ainda mais cartas de ódio do que quando a “Salon” divulgou minha composição criticando o universo de *Star Wars*.


Então me deixe começar dizendo que eu considero a trilogia de Tolkien como uma das melhores obras de construção de universo literário, com uma consistência interna carinhosamente texturizada que só é sobrepujada pelo gosto de J.R.R.T. em manufaturar dialetos “perdidos”. Muito antes de haver um Instituto da Língua Klingon, fãs especialistas - *amadores*, no sentido clássico da palavra - estavam ocupados traduzindo Shakespeare e a Bíblia em Alto Élfico, Anês e outras línguas geradas por Tolkien.

E claro, LOTR abriu a porta para uma vasta erupção popular de fantasia heróica, preparando muitos outros que seguiram com extrema devoção sua arquitetura magistral, copiando escrupulosamente os ritmos, atmosfera e fórmulas que funcionaram tão bem.

Realmente, a popularidade desta fórmula é profundamente provocante. Milhões de pessoas que vivem num tempo de verdadeiros milagres - no qual os bisnetos de camponeses iletrados podem rotineiramente voar pelo céu, vaguear pela Internet, ver mundos distantes e eleger seus próprios líderes - mergulham num assombro deliciado à idéia de um mago pegando carona numa águia. Muitos mesmo descobrem-se saudosos de uma sociedade de senhores eminentes e vassalos leais, prostrados em reverência!

Não seria a vida mais rica, melhor, se ainda tivéssemos reis? Se os guardiães da sabedoria mantivessem suas maravilhas trancadas em altas torres mágicas, em vez de precipitarem-se para a TV Educativa do jeito que





ossos inconvenientes “cientistas” fazem hoje? Os milagres não eram mais excitantes quando eram doados por uns poucos iluminados, em vez de comercializarem cada descoberta, engarrafando e comercializando cada nova maravilha para as massas por um dólar e noventa e nove?

Nós não paramos de ir à Lua por que estava ficando *chato*?

Apenas repare como as pessoas se sentiam quanto a princesa Diana. Nenhum servidor público democraticamente eleito foi alguma vez tão adorado. A democracia não tem a pompa, a majestade, o senso de estar acima da responsabilidade. Um dos promotores supremos da tradição da fantasia mítica, George Lucas, expressou-o desta forma:

“Há uma razão pela qual os reis constroem grandes palácios, sentam-se em troncos e usam rubis por todo lado. Há uma necessidade social para isto, não para oprimir as massas, mas para impressionar as massas e fazê-las orgulhosas e permitir que se sintam bem quanto a sua cultura, seu governo e seu governante, de modo que acabem sentindo que um governante tem o direito de governar sobre eles, de modo que se sintam bem e não desgostosos por serem governados”.



Essa nostalgia faz sentido se você lembrar-se que senhores e chefes arbitrários nos governaram por 99,44% da existência humana. Em meio a faina brutalmente previsível da vida diária, milagres eram coisas espantosas e distantes. Por exemplo, *voar* era uma prerrogativa lendária de semideuses em fábulas excitantes. E um homem era insignificante fora do contexto do seu rei.


Foi somente há uns duzentos anos - uma piscadela - que o “iluminismo científico” começou a engajar-se em sua rebelião contra o padrão quase universal chamado feudalismo, um sistema hierárquico que governou nossos ancestrais em todas as culturas que desenvolveram a metalurgia e a agricultura. *Onde quer* que os seres humanos tenham obtido arados e espadas, gangues de homenzarrões ergueram as últimas e tomaram as mulheres e o trigo dos outros homens. (Linguagem sexista é significativamente acurada aqui; estas culturas não tinham uma palavra para “sexismo”, ele era simplesmente assumido.)

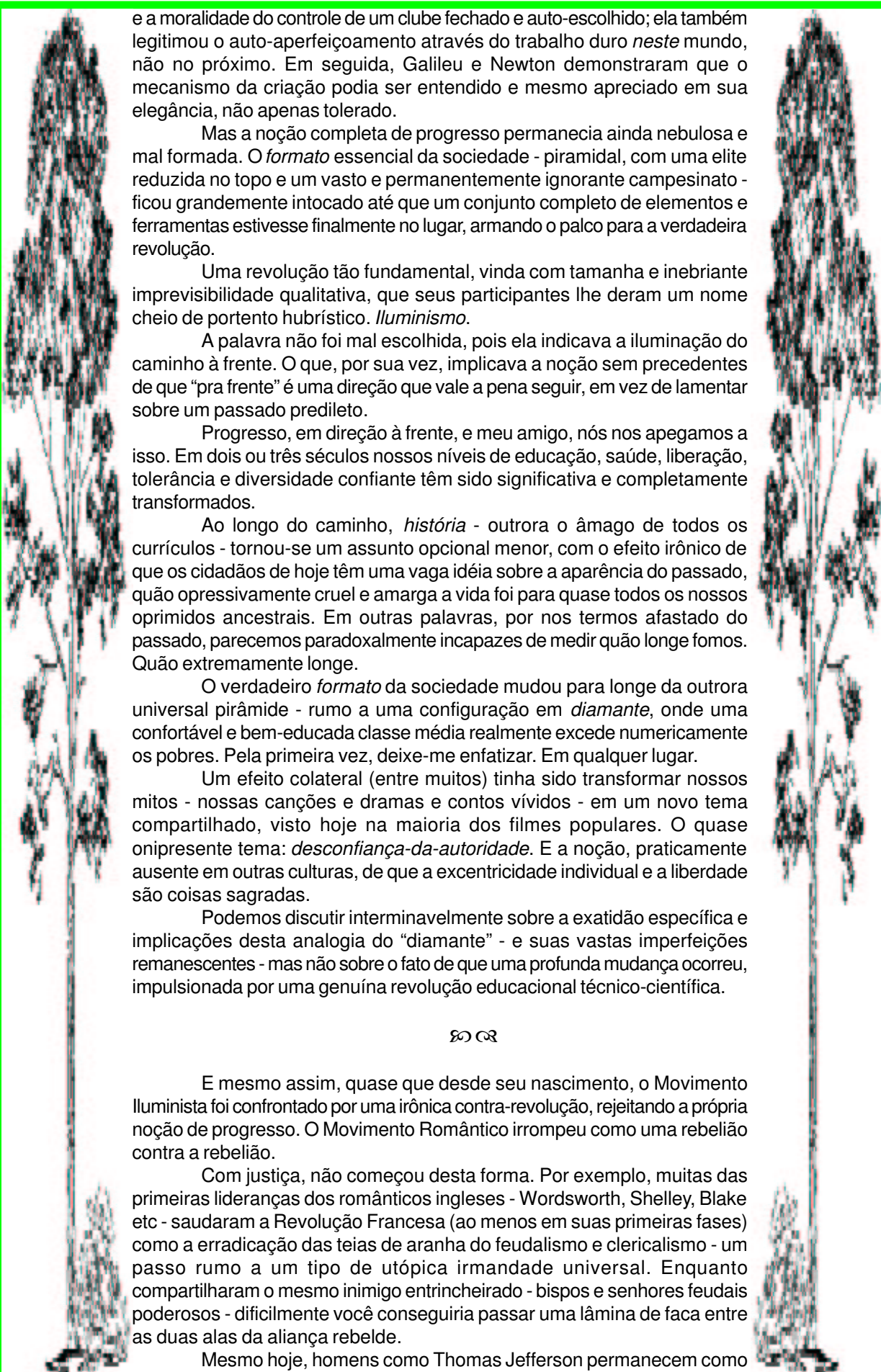
E prosseguiram anunciando regras e “tradições”, assegurando que seus filhos herdassem tudo.

Por favor, tente encontrar nem que seja uma exceção. Você não terá sucesso. Deixando superficialidades culturais de lado, em todos os continentes a sociedade rapidamente moldou-se numa pirâmide, com uns poucos brutamontes bem armados no topo... acompanhados por alguns sujeitos bons de papo com caras pintadas ou mantos decorados que obtinham favores urdindo histórias para explicar por que os brutamontes deviam *ficar* no topo.

Só que algo excepcional começou a acontecer. Pouco a pouco - em estágios graduais - os elementos começaram a tomar forma para um novo movimento social e intelectual, capaz finalmente de desafiar a aliança de senhores guerreiros, sacerdotes, bardos e magos reticentes. Não aconteceu tudo ao mesmo tempo, mas em espasmos intermitentes, algumas vezes cinco passos para a frente e quatro (ou mais) para trás.

Timidamente a princípio, guildas e cidadãos se uniram e emprestaram seu apoio aos reis, reduzindo deste modo a opressão pelos senhores locais. Muito antes de Aristóteles se tornar um instrumento do sistema, sua redescoberta durante a Alta Idade Média ofereceu algum consolo contra o anti-intelectualismo pertinaz. Depois, o humanismo renascentista ofereceu uma base filosófica para valorizar o ser humano individual como digno por seu próprio mérito. A Reforma liberou a santidade





e a moralidade do controle de um clube fechado e auto-escolhido; ela também legitimou o auto-aperfeiçoamento através do trabalho duro *neste* mundo, não no próximo. Em seguida, Galileu e Newton demonstraram que o mecanismo da criação podia ser entendido e mesmo apreciado em sua elegância, não apenas tolerado.

Mas a noção completa de progresso permanecia ainda nebulosa e mal formada. O *formato* essencial da sociedade - piramidal, com uma elite reduzida no topo e um vasto e permanentemente ignorante campesinato - ficou grandemente intocado até que um conjunto completo de elementos e ferramentas estivesse finalmente no lugar, armando o palco para a verdadeira revolução.

Uma revolução tão fundamental, vinda com tamanha e inebriante imprevisibilidade qualitativa, que seus participantes lhe deram um nome cheio de portento hubrístico. *Iluminismo*.

A palavra não foi mal escolhida, pois ela indicava a iluminação do caminho à frente. O que, por sua vez, implicava a noção sem precedentes de que "pra frente" é uma direção que vale a pena seguir, em vez de lamentar sobre um passado predileto.

Progresso, em direção à frente, e meu amigo, nós nos apegamos a isso. Em dois ou três séculos nossos níveis de educação, saúde, liberação, tolerância e diversidade confiante têm sido significativa e completamente transformados.

Ao longo do caminho, *história* - outrora o âmago de todos os currículos - tornou-se um assunto opcional menor, com o efeito irônico de que os cidadãos de hoje têm uma vaga idéia sobre a aparência do passado, quão opressivamente cruel e amarga a vida foi para quase todos os nossos oprimidos ancestrais. Em outras palavras, por nos termos afastado do passado, parecemos paradoxalmente incapazes de medir quão longe fomos. Quão extremamente longe.

O verdadeiro *formato* da sociedade mudou para longe da outrora universal pirâmide - rumo a uma configuração em *diamante*, onde uma confortável e bem-educada classe média realmente excede numericamente os pobres. Pela primeira vez, deixe-me enfatizar. Em qualquer lugar.

Um efeito colateral (entre muitos) tinha sido transformar nossos mitos - nossas canções e dramas e contos vívidos - em um novo tema compartilhado, visto hoje na maioria dos filmes populares. O quase onipresente tema: *desconfiança-da-autoridade*. E a noção, praticamente ausente em outras culturas, de que a excentricidade individual e a liberdade são coisas sagradas.


Podemos discutir interminavelmente sobre a exatidão específica e implicações desta analogia do "diamante" - e suas vastas imperfeições remanescentes - mas não sobre o fato de que uma profunda mudança ocorreu, impulsionada por uma genuína revolução educacional técnico-científica.



E mesmo assim, quase que desde seu nascimento, o Movimento Iluminista foi confrontado por uma irônica contra-revolução, rejeitando a própria noção de progresso. O Movimento Romântico irrompeu como uma rebelião contra a rebelião.

Com justiça, não começou desta forma. Por exemplo, muitas das primeiras lideranças dos românticos ingleses - Wordsworth, Shelley, Blake etc - saudaram a Revolução Francesa (ao menos em suas primeiras fases) como a erradicação das teias de aranha do feudalismo e clericalismo - um passo rumo a um tipo de utópica irmandade universal. Enquanto compartilharam o mesmo inimigo entrincheirado - bispos e senhores feudais poderosos - dificilmente você conseguiria passar uma lâmina de faca entre as duas alas da aliança rebelde.

Mesmo hoje, homens como Thomas Jefferson permanecem como



ícones tanto do Iluminismo *quanto* do Romantismo.

Mas isto mudou quando a revolução industrial entrou em passo rápido. Subitamente, onde outrora a aristocracia e o clero dominavam, caminhavam novos e arrogantes poderes. Uma burguesia empreendedora. Uma nova elite intelectual da ciência. E um ruído estridente e nauseante de maquinaria impudente.

Mesmo a democracia começou a parecer menos classicamente pura quando foi tirada de um pedestal para ser praticada de verdade por fazendeiros, lojistas e uma ascendente classe média, todos eles discutindo, adulando e tramando em meio a uma incrível balbúrdia. Isto não era a Academia ou Fórum calmamente eruditos, mas algo um tanto mais áspero - freqüentemente pueril. Isto era real. Alguns, como Alexis de Toqueville, viram beleza em todo esse ruído. Outros, sentiram suas esperanças idealizadas traídas.

Tremores começaram a abrir uma fenda entre os românticos e os pragmáticos iluministas. A aliança que havia sido tão formidável contra o feudalismo começou a voltar-se contra si mesma. Trincheiras logo se alinharam ao longo da linha de ruptura mais óbvia, abaixo do meio, entre Futuro e Passado.



Não me leve a mal. Sei quão injusto pode ser reduzir um vasto e turbulento movimento intelectual a umas poucas descrições e caricaturas oportunas. Na verdade, românticos individualmente abrangeram (e ainda abrangem) não somente um escopo, mas muitas dimensões. Alguns deles - como o socialista agrário William Morris - aderiram ao velho otimismo, igualitarismo e pragmatismo de Jefferson, mesmo quando o centro de massa do seu movimento moveu-se inexoravelmente no rumo oposto. Para trás, rumo a um renovado fascínio pelo elitismo.

No século dezenove, a frente de batalha havia se tornado tão rígida que intelectuais começaram a falar em “duas culturas”, para sempre divergentes e mutuamente incompreensíveis.


Nenhum dos lados tinha o monopólio da verdade. Cada um via muito o que criticar. A nostalgia agrária dos românticos tinha uma base real no deslocamento das pessoas pela Revolução Industrial e na transformação do campo; a industrialização era então vista como uma opressora, não uma libertadora.

Através dos olhos de Charles Dickens e muitos outros, todos podemos visualizar as “fábricas satânicas” onde mulheres e crianças laboravam horríveis oitenta e quatro horas semanais, sob condições brutais. Expor tais injustiças em contos e dramas vívidos pode ter sido o melhor momento dos românticos.

Menos freqüentemente mencionado era o fato de que estas manufaturas estavam ocupadas *produzindo*. Por exemplo, montanhas de tecidos baratos, permitindo que mesmo os pobres pudessem ter várias mudas de roupas. E sabão. E estrados de ferro baratos, como os ricos tinham, erguendo os colchões do chão e para longe dos bichos daninhos. Mais sabão. E aparelhos de jantar e lápis e concreto e banheiras e janelas baratas e lâmpadas e livros e canos de esgoto e óculos de leitura e torneiras e carteiras escolares e privadas e fios elétricos. E mais sabão.

Face a estas barganhas, as pessoas votaram em uma miríade de formas, com marchas, protestos, eleições e carteiras. E com seus pés, movendo-se em massa de casebres no campo para cabeças de porco urbanas. Estava claro que eles queriam que as manufaturas, cortiços e escolas fossem *reformados*. Mas eles também queriam o que as manufaturas e escolas produziam.

Os românticos discordaram desta decisão. Ela os desconcertava. Em resumo, foi quando eles se separaram e começaram a nutrir



desprezo pelo... homem comum.



Vamos ligar isto ao nosso tema sobrejacente. Pois J.R.R. Tolkien e seu colega Oxfordita, C.S. Lewis, eram românticos orgulhosos e manifestos.

Chamando a visão de mundo científica de “desalmada”, eles se juntaram a Keats e Shelley, Henry James, e a maioria dos filósofos educados na Europa, em menosprezar a ênfase moderna em experimentação pragmática, produção, alfabetização universal, progresso, empreendimentos cooperativos, democracia, vida urbana e ordens sociais achatadas.

Em contraste com estes objetivos “estéreis”, os românticos enalteciam o tradicional, o pessoal, o particular, o subjetivo, o rural, o hierárquico e o metafórico.

Outrossim, pela virada do século, o romantismo estava rapidamente perdendo todos os vestígios de sua antiga empatia pelas preocupações das pessoas comuns. Um artista solitário - ou profissional do entretenimento ou príncipe perdido ou poeta irado - agigantavam-se em importância, por ampla margem, a um milhar de artífices, professores ou engenheiros... um sistema de valores que é exaustivamente promovido hoje pela máquina mítica de Hollywood. Como era no tempo de Homero, dez mil soldados de infantaria valiam menos do que o calcanhar de Aquiles.

Isto corresponde muito à trama de *O Senhor dos Anéis*, na qual os bons sujeitos esforçam-se para preservar e restaurar tanto quanto possam uma hierarquia mais antiga, graciosa e “natural”, contra a perturbadora, quase-industrial e vagamente tecnológica atmosfera de Mordor, com suas imagens de chaminés e anéis de poder manufaturados que podem ser usados por qualquer um, não somente por uns poucos da elite. (Relembre a cena onde Saruman afasta-se do lado “bom” e imediatamente começa a esraçalhar árvores, substituindo-as por poços de minas e forjas fumegantes. A imagem anti-industrial não poderia ser mais explícita.)

Considere os anéis. Estas maravilhas feitas pelo homem são supostamente amaldiçoadas, condenando qualquer um que ouse usá-los. Especialmente aqueles nove humanos normais que tentaram ascender, usando ferramentas para igualar e depois usurpar os justos poderes de seus superiores - os altos elfos.

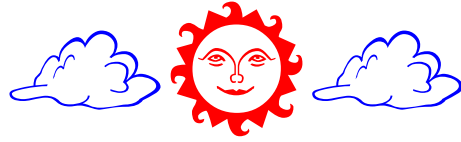
Os nove Espectros do Anel não são apenas capangas malvados e monstros de papelão. Na minha opinião, eles estão entre as mais importantes figuras do épico. O próprio Tolkien chama-os de figuras trágicas e preocupa-se com suas experiências. Estes mortais caídos - homens decentes que foram arrastados contra a vontade para servir ao “lado escuro” - podem ser considerados como figuras modelares, exprimindo a lição universal de que “o poder corrompe”.

Podemos concordar com muito disso. Mas eu penso que há mais nos Espectros do Anel. Para mim, eles destilam a noção grega clássica de *hubris* - um conceito que os românticos freqüentemente abraçam - a idéia de que a dor e a danação aguardam qualquer mortal cuja ambição almeje demasiado alto. Não tente usar os adornos ou emblemas ou poderes que pertencem legitimamente aos seus superiores. Acima de tudo, não tente decifrar e redistribuir mistérios.

Em outras palavras, exatamente a mesma narrativa moral pregada em *Star Wars*.

O romantismo fez o giro completo, agora louvando untuosamente os mesmos senhores - os *uber*-homens - a quem se opunha no início.





Romanticos?



George Lucas



Henry James



Joseph Campbell



C.S. Lewis



J.R.R. Tolkien





J.K. Rowling



Bakshi



Goebbels



(Um aparte, em auto-defesa. Alguns leitores podem atribuir significância política de “esquerda” ou de “direita” ao que eu digo aqui. Não há. Tanto românticos quanto pragmáticos se inserem em todos os movimentos políticos modernos. Por exemplo, como um decidido ambientalista, eu ainda posso comentar sobre o elitismo romântico de muitos que compartilham a mesma causa.

Na verdade, esta luta está sendo travada todos os dias, quase despercebida, no campo de batalha de nossa mídia contemporânea. A criação do Iluminismo - desconfiança-da-autoridade - freqüentemente vem emparelhada com a imagem romântica quintessencial: um solitário presunçoso que despreza as massas. Eles se apresentam juntos, embora surjam de tradições diferentes.

Para que sejam discernidos separadamente, tente observar se um tipo zomba *somente* dos poderosos... ou de todo mundo. Está a ira dele ou dela apontada somente para cima, na direção de alguma elite cruel, ou para baixo também, desprezando seus concidadãos e vizinhos como ovelhas estúpidas?)

✂

Não me leve a mal. O romantismo pode levantar pontos fortes. Mesmo depois dos piores crimes da industrialização terem sido atenuados, as críticas permanecem válidas. Por exemplo, cada geração de empresários apresenta alguns que são insaciáveis e conspiram em conjunto para tornarem-se senhores. Outrossim, avanços científicos pouco necessitam da luz constante do escrutínio público, ou de outro modo os “avanços” poderiam facilmente azedar. A ciência precisa de crítica justamente por que ela se provou efetiva. Ela funciona muito melhor do que a magia jamais funcionou. Isto faz a ciência potencialmente muito mais perigosa, bem como muito mais prática.

O exemplo mais evidente disto é o que estamos fazendo ao nosso mundo. A civilização moderna não é inerentemente menos cuidadosa. Apenas existem *muitos* de nós, e não podemos nos permitir comprar tantas coisas - isso põe a Terra sob um esforço intolerável. O planeta era certamente menos maltratado quando os nossos números eram mantidos baixos pela pobreza, fome e doença. Agora nós podemos substituir estas velhas forças corretivas por novas - conhecimento, prevenção e auto-limitação.

Não admira que o romantismo anseie por modos e tempos mais simples, quando a morte resolvia tais problemas de um jeito mais natural.

Outrossim, o iluminismo nunca pode substituir completamente as velhas formas de pensamento. A necessidade de contos e imagens excitantes e ilógicas cala fundo em todos nós. (Alguns de nós conseguiram uma boa vida desta forma.) De fato, sem romance seríamos criaturas lastimáveis.

Todavia, a sociedade científica/progressista tem sido conhecida por ouvir seus críticos, e não só de vez em quando. Diga uma sociedade feudal cujos líderes faziam isso.

Alguns dos orcs ou “homens escuros” apresentaram cargos de coalisão ao gabinete do rei Aragorn, no fim da Guerra do Anel? Foi concedido a Mordor um benigno Plano Marshall?

Creio que não.

✂

O que nos leva para outra das coisas realmente legais sobre fantasia - a identificação com um lado que é 100% bom. Você pode deleitar-se enquanto eles aniquilam completamente inimigos que *merecem* ser

exterminados por que são 100% de mal destilado.

Isto pode não ser politicamente correto, mas por outro lado, correção política é realmente um filho bastardo do iluminismo igualitário-científico. Que o diga por vezes a doçura de sacarina de *Star Trek*. Esclarecida talvez, mas também um tanto emasculada. (É por isso que todo mundo gosta dos Klingons?)

O romantismo nunca teve nenhuma pretensão à igualdade. Ele é super-discriminatório, por natureza. (Você já leu realmente Byron ou Shelley?) Classes inteiras de pessoas são menos dignas, menos merecedoras de viver, do que outras classes.

Os nazistas eram românticos arquetípicos cabais. (Já ouviu Wagner?) Durma com essa.

A compulsão por esmagar algum inimigo demonizado ressoa profundamente em nós, datando de eras muito anteriores ao feudalismo. Daí o involuntário frêmito que sentimos ante a matança da infantaria orc no Desfiladeiro de Helm. Depois novamente quando os ents esmagam ainda mais duendes na cidadela de Saruman, sem fazer prisioneiros, nunca gastando um pensamento para todos os orczinhos órfãos e viúvorcas aflitas. E novamente em Minas Tirith, e novamente nos Portões de Gondor e novamente... puxa, afinal de contas são só orcs.

Muito divertido.




Lev Grossman assinalou algo similar num recente artigo da *Time Magazine*:

“Onde estão as mulheres? Peter Jackson ampliou o papel de Liv Tyler nos filmes (era bem menos proeminente na versão de Tolkien), mas a Irmandade ainda é tanto um clube do Bolinha quanto o Augusta National. E branca demais. Não deixe que o comovente relacionamento elfo-anão entre Legolas e Gimli o engane. As únicas pessoas de pele escura na Terra-Média são orcs”.

Esta tendência é levada ao extremo, mostrando o problema moral básico do romantismo, num trabalho que foi coincidentemente criado pelo *outro* cara que filmou uma versão de *O Senhor dos Anéis*, aquele Ralph Bakshi, cuja produção em desenho animado chamada *Wizards* foi, na minha opinião, mais ou menos a coisa mais terrível já produzida desde que Goebbels geria a usina de propaganda nazista. No futuro pós-apocalíptico de Bakshi, duendes idílicos, ou elfos, vivem num vasto e bucólico paraíso wagneriano campestre. Estas belas criaturas excluem uma tribo que eles chamam “mutantes” - feios, urbanos e vagamente tecnológicos - forçando-os a morar num cânion-gueto sem luz por mil anos. Bakshi retrata os mutantes como covarde e incompetentemente patéticos, toda vez que tentam escapar para o imenso reino dos duendes. Não importa. Um narrador chama a supressão de uma questão essencial do “bem” contra o “mal”... segundo a definição do lado élfico. Quando os mutantes finalmente são inspirados por um líder (retratado como um esqueleto guinchante), os espectadores se preocupam, e depois se alegram quando bravos duendes cercam o gueto, lançam um ataque preventivo e aniquilam todos os mutantes, até o último filhote.

Confessadamente, a maioria dos fãs de Tolkien clamam execrar a versão de Ralph Bakshi para LOTR. E mesmo assim, qualquer um pode ver as similaridades do *tema*. Ele pode representar o lado negro desta “força”, mas a premissa básica é a mesma.





Não vamos ignorar, mas reconhecer abertamente o racismo subjacente e a crença numa aristocracia inerente que J.R.R. Tolkien urdiu em seus livros, sem nem mesmo tentar ser muito sutil. E nem eu o culpo muito por isso. Ele não poderia ajudar, vindo da cultura imperialista e obcecada por classe em que cresceu. Alguém que se preocupava profundamente sobre o quão “atrevidas” as massas estavam se tornando.

Outrossim, os personagens que o leitor vem a conhecer melhor - Frodo, Sam e mesmo o rei-na-reserva, Aragorn - não são *eles mesmos* muito metidos ou racistas. Aragorn tem um jeito tranquilo, popular - assim como Luke Skywalker, o único Jedi não-condescendente. Os personagens mais metidos e mais implacavelmente aristocráticos em LOTR permanecem de fora, nos bastidores. Por exemplo, os advocativos, reservados e condescendentes Elrond e Galadriel, instando pelo esforço máximo enquanto deixam que outros lutem por eles.

(Elfos filhos da @!%! Eu poderia apontar paralelos intermináveis com um sujeito chamado Yoda, mas isso aticaria todas as vespas ao mesmo tempo.)*



Oh, mas realmente o *próprio* J.R.R. Tolkien era muito mais crítico da situação retratada em seu universo, a qual qualquer um dos seus miríades de leitores, menos uns poucos, jamais preferiu dar atenção. Certamente mais auto-crítico do que a maioria de seus leitores contemporâneos ou daqueles que viram a nova trilogia de filmes.


Em muitos lugares, Tolkien expressou abertamente seu julgamento autoral de que no fim das contas, os elfos que fizeram os Três Anéis eram os culpados, tendo montado o palco para a tragédia na Terra Média. Eles fizeram seus próprios anéis (antecedendo o Um Anel de Sauron) querendo controlar o mundo, parando o tempo e prevenindo mudanças, proibindo qualquer coisa de morrer e decair e deste modo tirando espaço para um novo crescimento. Verlyn Flieger cita Tolkien:


“Eles queriam fazer o seu bolo e comê-lo, viver na Terra Média mortal e histórica porque tinham se afeiçoado a ela... e então tentaram parar suas mudanças e história, parar seu crescimento, mantendo-a como um jardim secreto”.

Existem momentos dispersos através de LOTR quando Tolkien parece estar avisando que o romantismo pode levar alguém pela ladeira abaixo para o genocídio. Ele estava perturbado em ver a SS nazista, por exemplo, abraçar muitas das mesmas histórias e símbolos nórdicos míticos que ele usava como fonte de material.

Em livros posteriores, como “O Silmarillion”, Tolkien foi fundo nesta auto-exploração, indo mesmo tão longe quanto lançar um olhar analítico sobre os hierarcas élficos da Terra Média, quase da mesma forma que Isaac Asimov reavaliou sua Segunda Fundação e os robôs metidos-condescendentes do seu famoso universo de ficção científica. O tipo de auto-exame que infelizmente o cosmos de *Star Wars* necessita desesperadamente, enquanto ainda há tempo.

De fato, muitos acadêmicos têm citado o paralelo óbvio entre a retirada dos Altos Elfos em LOTR - abandonando a Terra Média para voltar ao “oeste através do mar” - e a dissolução do Império Britânico, que começou com a emancipação da Índia, mais ou menos na mesma época em que Tolkien estava escrevendo seu épico. Francamente, J.R.R.T. não investiu contra esta mudança. Ele a encarava como lamentável, mas inevitável -





como o fim de sua mítica Terceira Era. Uma vindoura idade de ferro, quando figuras distantemente nobres como Elrond e Galadriel precisariam voltar para o lugar de onde tinham saído.

Mas estes auto-críticos nunca tiveram a vasta audiência ou influência do LOTR original. Realmente, parece haver pouco apetite para examinar os temas repetitivos da fantasia.

Pegue por exemplo, aquelas entrevistas imensamente populares de Joseph Campbell para a TV Educativa, alguns anos atrás, sobre seu livro "O Poder do Mito" (*The Power of Myth*). Com um ar de obsequiosa veneração, Bill Moyers deu a Campbell horas para esposar a teoria totalmente batida de que antigas lendas têm certas similaridades de ritmo e tema de continente para continente. Infelizmente, nem uma vez Moyers desempenhou seu papel de jornalista fazendo perguntas duras. Por exemplo - poderiam algumas das similaridades ter surgido da simples economia? Os bardos e contadores de histórias dos velhos tempos precisavam ser *alimentados*. Naturalmente, eles puxavam o saco dos caciques e reis e mágicos que tinham todo o pão e ouro, conjurando lendas de uma elite de semideuses e príncipes, raramente ousando sugerir (e apenas obliquamente) que a criatividade e a coragem - e mesmo a soberania - podem residir em homens e mulheres comuns.

As dádivas do iluminismo - igualitarismo, crítica abertamente compartilhada, realizações cooperativas, responsabilidade, argumento, crítica, mobilidade social e ciência - eram anátema. Até esta data, os românticos sentiam-se desconfortáveis com eles. Para Campbell, qualquer história que se desviasse da fórmula padrão romântica nem mesmo poderia ser considerada como história.

Por fim, nem Tolkien nem seu amigo chegado C.S. Lewis foram capazes de atravessar o vazio sobre o qual outro mestre de Oxbridge estava escrevendo, mais ou menos nessa mesma época - o infame abismo das "duas culturas" que C.P. Snow afirmava considerar inconnectável, entre o mundo da ciência e o mundo das artes.

Ainda que tentando, e mesmo confrontado com os clamorosos excessos românticos do nazismo, Tolkien não podia escapar das suas próprias convicções profundas de que o iluminismo e a modernidade democráticas haviam feito o grande mal. Esta detestável tendência, temia, arruinaria toda a beleza que ele encontrava na tradição. Nas hierarquias místico-aristocráticas. Nos caminhos do passado.

É de se lamentar tudo isso, à luz do que ocorreu mais tarde, durante o terço final do século XX.

Pois o "abismo" de C.P. Snow entre as duas culturas começou a ser atravessado, repetidamente, por espíritos livres que simplesmente se recusaram a aceitar categorias empertigadamente traçadas. Gostaria que Tolkien e Lewis tivessem vivido para ver quão facilmente este abismo é atravessado agora, em ambas as direções, por artistas que entendem de tecnologia e cientistas que amam a arte.


De fato, a *ficção científica* uniu o vazio das duas culturas com uma via expressa. Mas essa é uma outra história.




Algum problema em captar esta dicotomia que eu estou traçando? Entre românticos e seguidores do iluminismo pragmático de Ben Franklin?

Bom, aqui vai uma outra maneira de encarar isso, focada em como as pessoas vêm a *orientação temporal da sabedoria*.

Todas as criaturas vivem imersas no tempo, embora somente os seres humanos levantem as suas cabeças para falar sobre isso, lamentando o passado e se preocupando com o futuro. Porções únicas de nossos cérebros lidam com esta *sepse* temporal. Os lobos pré-frontais - as "lâmpadas





em nossas fronteiras” - ponderam o amanhã enquanto faixas do velho córtex podem inundar-se com memórias vívidas do ontem, desencadeadas pelo mínimo prurido sensorial como quando um único sopro aromático manda Proust de volta para vagabundear pela cozinha da mãe por oitenta mil palavras.

Obsessão seja com o passado ou futuro pode quase definir uma civilização. Por todo o mundo, muitas culturas acreditaram em alguma idade de ouro perdida quando as pessoas sabiam mais, divagavam em pensamentos elevados e estavam mais próximas dos deuses - mas então perderam a graça. Sob esta visão de mundo saturnina mas recorrente, homens e mulheres de uma era mais grosseira e posterior podiam somente olhar para trás com inveja, ouvindo os vestígios da sabedoria antiga.

Reconhece este tema? Ele permeia cada página de *O Senhor dos Anéis*. É o velho clássico. A eterna verdade. O pior de todos os clichês humanos...

Somente umas poucas sociedades ousaram jamais contradizer este dogma padrão de nostalgia. Nosso próprio Ocidente Científico, com sua impudente noção de progresso, insolentemente relocou qualquer “idade de ouro” para o futuro, algo em cujo rumo nós podemos trabalhar, uma concepção humana para ser realizada pelos nossos netos com engenho, suor e boa vontade - assumindo que nós diligenciemos em prepará-los.

Implícito está o postulado de que nossa descendência pode e será melhor do que nós, uma esperança vacilante nutrida (um pouco) por duas gerações de ascensão constante nos índices de QI.

Certamente, a própria noção de progresso é anátema para os romântico-nostálgicos.


Estes românticos não precisam ser anti-tecnológicos, embora eles quase sempre rejeitem a ciência. Eu já mencionei um renomado épico popular de ficção científica o qual, a despeito de acessórios estilizados, prega implacavelmente a linha partidária nostálgica - uma sociedade ideal que precisa ser governada por elites místico-sigilosas irresponsáveis e auto-escolhidas, baseadas em qualidades de sangue inatas. O único conhecimento bom é conhecimento velho. (Não admira que tudo isso tenha acontecido “muito tempo atrás, numa galáxia distante”.)


Esta luta não está apenas acontecendo nos meios de comunicação. Ela surge nos níveis intelectuais mais altos. Um século atrás, um dos fundadores da ficção científica, H.G. Wells, manteve um debate em andamento com o grande deão das letras inglesas, Henry James, sobre o que constituiria um romance interessante e meritório - se haveria mais valor a ser encontrado na introspecção e na reflexão voltada para o passado, ou na especulação engajada e conjetura inovativa. Se o mundo objetivo, pululante de fatos, deveria ter uma voz na ficção, ou se tudo deveria permanecer subjetivo, tão seguro e distante da realidade como um encantamento.

De dentro de suas torres de marfim, acadêmicos literários há muito que declararam James como vencedor. Leon Edel, em sua biografia de James, emociona-se:

“A vitória final foi de James. Os romances sociais de Wells têm sido julgados a esta distância como obsoletos. Os romances de James, aqueles que deixam os fatos de fora mas lidam verdadeiramente com dilemas humanos, estão mais em voga hoje do que sempre estiveram”.

Edel deixa de fora, convenientemente, o fato de que até a presente data, os romances e histórias de Wells são lidos em dúzias de idiomas por dezenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. Enquanto isso, nas palavras do autor e crítico Greg Bear:





“Hoje, James é um favorito dos dramas de costumes exuberantes e dourados da Merchant-Ivory, PBS e BBC. Ele descreve um tempo e um lugar sem genocídio e morte rápida flamejante. Seus namoros quase sem sexo são um alívio para o caos invertebrado das uniões modernas. Henry James é um exemplo para aqueles que vêem a vida como a degradação de uma era dourada e que escolhem, ao menos em suas leituras, trocar todas as suas conveniências modernas por condenações bem-vestidas e sem sangue, e as frustrações de vidas envolvidas demais em sua estrutura. Seu mundo parece tão remoto para nós e tão perversamente atraente como os palácios em *Duna* de Frank Herbert.”

Para os franceses, um papel similar é ocupado por Proust e seus tipos - que são idolatrados por suas longas e belas rumações sobre “verdades eternas”. Verdades que devem permanecer fixas e constantes, oferecendo aos tradicionalistas (aqui eu devo chamar muitos deles de *românticos*) um profundo senso de conforto. Os seres humanos não deveriam ser maleáveis ou capazes de crescimento.

Olhe bem de perto para a implicação profunda; a noção integral de “verdades” exige que todas as gerações sujeitem-se exatamente aos mesmos traumas e erros e *ansiedades* dos seus antepassados. Para sempre. Como insetos no âmbar - ou criaturas estabilizadas pelos anéis élficos de Tolkien - nós nunca mudaríamos.

Pessoas que acreditam nesta constância da natureza humana sentem-se profundamente ameaçadas por qualquer ramo da literatura que ouse discordar. E nada é mais irritante do que a sugestão - inerente à verdadeira ficção científica - de que as crianças podem aprender com os erros de seus pais. Que as gerações futuras poderão ir além de nossos velhos interesses para novos, além da nossa compreensão. De Virgílio e os Vedas até Platão, Shelley e Proust, James e Tolkien, completamente até Updike e Rowling, esta tradição prevalente cobriu cinco continentes e quarenta séculos. Alguns se enfurecem, outros espumam; mas todos resmungam contra o futuro.

Deixe-me confessar de público que eu compartilho a crença mais recente e presunçosa em universidades, responsabilidade democrática, ciência e aperfeiçoamento humano - algo que questiona a fadada persistência das tolices “eternas”. Acima de tudo, qualquer “idade de ouro” jaz no nosso futuro. Tem de ser. Ou pelo que estamos lutando?

De qualquer forma, é *melhor* que as pessoas com a minha visão estejam certas. Porque se a humanidade for tão obstinada quanto os cínicos e românticos acreditam, seguramente nos extinguiremos muito em breve.



(Qual é a resposta romântica padrão quando alguém menciona a perspectiva da extinção humana?)

“Problema resolvido”, eles resmungam, expressando uma misantropia presunçosamente elegante.


E a *ciência* é apresentada como desalmada?


Ah, dá um tempo...)



O quadro que eu estou pintando pode parecer sombrio, especialmente à luz do incremento da popularidade da fantasia mágico-feudal.

O Iluminismo foi uma coisa transitória e já estaria vacilando, à medida que voltamos às nossas velhas fascinações? De volta aos heróis estilo





Campbell e épicos tradicionais, com suas peãs aos reis e hierarquias tradicionais em formato de pirâmide? Existem aqueles que vêem esta nuvem rolando sobre nós, uma névoa de romantismo retornante. Ou ainda pior, das aristocracias hereditárias e comprometidas do feudalismo.

“Mudança e tecnologia estão de tal modo disseminadas como parte da vida diária que para a maioria não há mais mágica”, diz Vivian Sobchack, uma professora de estudos sobre filmes e televisão na UCLA. “A promessa da ciência e da tecnologia tem sido normalizada. A visão utópica que tínhamos não foi aprovada. A magia teria de vir de algum outro lugar, e nós a encontramos na fantasia.”

Ela levanta um ponto. Assista a mais notável realização da NASA - transformar a exploração espacial num grande ronco.

Ou como Lev Grossman colocou:

“A cultura popular é o barômetro mais sensível que temos para avaliar mudanças no humor nacional, e ela está registrando uma enorme bem agora. Nossa fascinação com a ficção científica refletia uma profunda fé coletiva de que a tecnologia nos levaria à ciberutopia de robôs-copeiros servindo *mai tais* virtuais. Com “As Duas Torres”, o novo episódio da trilogia *O Senhor dos Anéis*, perto de assolar as bilheterias, estamos vendo o que pode ser chamado de encantamento da América. Uma atitude mais sombria e pessimista quanto a tecnologia e o futuro assumiu o controle, e a evidência é nossa nova preocupação com fantasia, uma visão nostálgica, sentimental, mágica, de uma era medieval. O futuro não é mais o que costumava ser, e o passado parece estar nos ganhando.”

A visão de Grossman é inteligente e provocativa - embora na superfície, também algo fácil de refutar.

Por exemplo, sobre *quais* ciberutopias ele poderia estar falando?

“No Mundo de 2020” (*Soylent Green*)? “O Caçador de Andróides” (*Bladerunner*)? “Gladiadores do Futuro” (*Rollerball*)? *Silent Running*? 1984? “Limite de Segurança” (*Fail Safe*)? “Síndrome da China” (*The China Syndrome*)? “O Exterminador do Futuro” (*Terminator*)? *The Hot Zone*? “Fuga do Século XXIII” (*Logan’s Run*)? “O Carteiro” (*The Postman*)? *Fahrenheit 451*?


Estas não me parecem ser exatamente utopias.

Pelo amor de Deus, eu não consigo imaginar mais do que um retrato realmente otimista da sociedade futura em toda a TV ou filmes de ficção científica. Com a exceção única de *Star Trek*, a maioria da FC que temos visto nos últimos 40 anos tem sido implacavelmente crítica da tecnologia sentida ou das tendências sociais. Longe de serem utópicos, estes filmes nos têm servido bem por dramatizarem potenciais casos de fracasso. Para cunhar um termo, eles têm sido *profecias auto-preventivas*, ajudando-nos a trabalhar nossos medos e explorando possibilidades sombrias.

Sim, o resultado tem sido um senso de confiança diminuído, um fatalismo tristemente refinado numa era de bondade e competência sem precedentes. Paradoxalmente, sim. Mas por qualquer métrica, estes sombrios contos de advertência têm sido muito mais úteis do que todos esses filmes de espada e feitiçaria que tentam nos ensinar sobre o bem e o mal retratando o primeiro sempre como gracioso e o segundo, sempre, com olhos vermelhos, brilhantes.



Finalmente, eu poderia oferecer um pequeno exercício mental? Vamos começar relembrando que *a história é escrita pelos vencedores*.



Como podemos saber que Hitler era tão mau quanto dizem?

Nós *sabemos* porque vivemos numa democracia que deu aos que negam o Holocausto uma fatura de oportunidades para pronunciarem o seu caso, e tudo o que eles conseguem trazer são sempre baboseiras clamorosas, cenários ridículos risivelmente fáceis de refutar. Aí está como. Nós vemos e ouvimos incontáveis testemunhas dos horrores nazistas, transmitidas pela mídia que, apesar de todas as suas falhas, é relativamente livre. Tão implausível quanto a história do genocídio em massa deliberado possa ter parecido na ficção, a realidade foi inegavelmente verdadeira e pior do que qualquer coisa previamente imaginada.

Os propagandistas aliados não tiveram que inventar nada.

Ah, mas as coisas eram diferentes nos reinos de outrora, onde uma linha partidária oficial era promulgada e fontes alternativas de informação eram rotineiramente suprimidas. E isso em *todos* os reinos, veja você. Vá em frente, diga um onde isso não aconteceu. (Repare como os propagandistas normandos tiveram de trabalhar com o pobre rei Harold, mesmo depois do seu corpo estar esfriando após a batalha de Hastings.)

Meu objetivo? Bom, LOTR é obviamente um relato escrito há muito tempo, depois do término da Guerra do Anel. Certo? Um relato criado pelos vencedores.

Então como sabemos que Sauron realmente tinha olhos vermelhos brilhantes?

Não seriam algumas daquelas descrições ultrajantes apenas o tipo de coisas que as famílias reais usavam para se promover, lançando calúnias exageradas sobre seus inimigos derrotados e saqueando seus monumentos, reforçando seu próprio direito divino de governar?

Sim, eu estou me divertindo com palavras como “realmente” - relacionadas a uma história ficcional. Mas me acompanhe por um minuto. Da próxima vez que você re-ler LOTR, conte o número de exemplos... casos onde seres poderosos são imensamente mais feios do que alguém com aquele tipo de poder permitiria-se ser. Pra quê? Em que ser grotescamente feio ajuda você a governar um império?

Então, libere a sua imaginação para levar a história um pouco mais além. Divirta-se!

Pergunte-se: “Como Sauron teria descrito a situação?”

E depois: “O que poderia ter ‘*realmente*’ acontecido?”

Agora pondere algo que sobrevive mesmo na demonização partidária do inimigo esmagado. Este fato definido e inegável. *O exército de Sauron era o único que incluía todas as espécies e raças da Terra Média*, incluindo todas as cores desprezadas da humanidade, e todas as classes baixas.

Hum. Todos eles deixaram suas casas e marcharam para a guerra pensando, “oh, que delícia, vamos servir um sombrio senhor do mal”?

Ou em vez disso poderiam estar pensando que *eles* eram os “bons sujeitos”, com um ressentimento justificável pelo qual valesse a pena lutar, rebelando-se contra uma hierarquia feudal antiga, rígida, em formato de pirâmide, encabeçada pelos invasores alienígenas elfos e seus lacaios colonialistas humanos númenóreanos?

Imagine por um momento, *Sauron, o Eterno Rebelde*, implacavelmente difamado pelos vencedores da Guerra do Anel - os realistas que controlam os bardos e escribas (e cineastas). Sauron, campeão do terra-mediano comum! Derrotado mas ainda reverenciado pelos inumeráveis pobres e oprimidos que se sentam em suas cabanas esquálidas, suspeitos para a polícia secreta real com seus olhos-espiões mágicos, ainda continuam a murmurar histórias, secretamente sonhando e ansiando que algum dia *ele* retornará... trazendo mais anéis.

✪ ✪



Rá.

Tá bom, não precisamos ir tão longe!

Aí vai uma versão mais branda. Aqueles orcs e baixos elfos e anões e peles escuras ou proletários que lutaram pelo Senhor do Anel foram *enganados* pela propaganda de Sauron.

Bastante justo. Mesmo esta ligeira variação adiciona sabor a uma narrativa que já é grande, fazendo-o apiedar-se um pouquinho dos tolos de Sauron, apesar de você ainda vibrar quando massacram até o último soldado e orcabo.

Vamos lá, gente, um mínimo de empatia.

Em vez de vituperar contra o “mal”, tente entendê-lo. Tem sido sempre o melhor meio de derrotá-lo.

✂

Se estou tirando um sarro com a sua cara? Pode crer! Eu não levo especulações sobre vilões ficcionais tão a sério.

Meu verdadeiro objetivo é muito mais geral. Ele é:

Não engula apenas as suas aventuras. Brinque com elas. Remodele-as em sua mente! Mantenha-se perguntando “E se...?” É como você pratica para não ser apenas um consumidor passivo, ou crítico, mas um narrador criativo por seu próprio mérito.

E lembre-se disto também - iluminismo, ciência, democracia e oportunidades iguais são ainda os verdadeiros rebeldes, reinando por apenas umas poucas gerações (e ainda imperfeitamente!) em um ou dois cantos da Terra, depois de chefes de elite, bardos românticos e mágicos terem dominado nossos ancestrais por talvez meio milhão de anos.

Você não sente uma pontinha de orgulho pelo que esta rebelião ainda pode demandar? Uma revolução-em-andamento radical, ainda fresca e incompleta.

Uma rebelião que (dentre muitas outras coisas) instruiu servos como você a ler, para que pudesse apreciar livros épicos e imaginar as coisas diferentes do que elas são.

Uma que faça filmes vívidos que supram o seu gosto por aventura.

Uma que, com todas as suas imperfeições, lhe deu uma sorte melhor do que em alguma vila camponesa de antanho.

Uma que tem um longo caminho a trilhar, mas que ao menos fez com que nossos olhos se voltassem para encarar o futuro.

Auto-crítica é quase um defeito, esta cultura pode não ser tão romântica quanto aqueles velhos reinos... mas não é *melhor*?

Vocês são herdeiros da primeira verdadeira civilização mundial, surgida da primeira revolução verdadeira. Sintam algum orgulho nisso...

Vamos continuar gostando de reis e magos. Mas lembre-se também de mantê-los no lugar ao qual pertencem.

Onde podem causar pouco dano.

Onde nos entretêm.

Na fantasia.

